

Rhea Kûara

e o folclore Tétrico.



Häj Acaïga

AVISO

Este livro contém descrições perturbadoras, linguagem extrema e situações explícitas de violência e sangue, podendo causar gatilhos emocionais em pessoas sensíveis.

Editora Weoyx

Copyright © 2021 por Häj Acaiga

Publicado e revisado pela própria autora ao longo de anos.

Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou de outra forma sem a prévia autorização do autor.

Edição impressa por

UICLAP EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA | <https://uiclapp.com>

L. Dos Ingleses, 524 – Conj 5, Morro dos Ingleses – São Paulo/SP, CEP 01329-000

Distribuído digitalmente por

CLUBE DE AUTORES PUBLICAÇÕES S/A | <https://clubedeautores.com.br>

R. Otto Boehm, 48 – Sala 08, América – Joinville/SC, CEP 89201-700

E-book (ePub)

Versão gerada mecanicamente através de Convertio© | <https://convertio.co>

Capa

Häj Acaiga

Ilustração

Raqib Ahmed | <https://www.fiverr.com/vectowr>

Fonte

Got Heroin?, por Christopher Hansen | <https://dafont.com/profile.php?user=703434>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Acaiga, Häj

Rhea Kúara : e o folclore tétrico / Häj Acaiga. -- 1. ed. -- Florianópolis, SC : Editora Weoyx, 2021.

ISBN 978-65-00-16896-9

1. Ficção brasileira I. Título.

21-55833

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

<http://rheakuara.abadium.com>

Ao meu filho, cujo nascimento me trouxe inquietações inspiradoras.

“Os mitos são sonhos públicos; os sonhos são mitos privados.”

Joseph Campbell

(mitólogo e escritor americano)

JORNADA

PRÓLOGO	13
PREEMINÊNCIA.....	15
ATO I.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ABNEGAÇÃO.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ATO II.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
IRREVERSIBILIDADE.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ATO III	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
SOBREVIVÊNCIA.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ATO IV	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
LEMBRANÇAS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ATO V	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
AXIOMA.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ATO VI.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
DESENLACE.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
EPÍLOGO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
AHADAFEB	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

Em 1993, o Instituto Socioambiental (ISA) elaborou o Povos Indígenas do Brasil, um programa que herdou o Plano de Integração Nacional, criado pelo governo brasileiro nos anos 70, auge da ditadura militar, o qual visava consolidar e atualizar o que sabemos sobre esses povos, “colocando os índios no mapa”. Estima-se que havia, na época colonização europeia, mais de 1000 povos indígenas no país, totalizando cerca de 4 milhões de pessoas. Atualmente, segundo o Censo IBGE 2010, esse número caiu para 896.917, distribuídos em 255 povos remanescentes.

Fonte: Instituto Socioambiental | Povos Indígenas no Brasil
<https://pib.socioambiental.org>

Em 2003, a revista americana *Science*, maior e mais respeitado veículo científico do planeta, publicou um artigo divisor de águas, no que tange a famigerada premissa de que a Amazônia era, antes da colonização europeia, uma floresta intocada. Através de estudos ancestrais do povo Kuikuro, do alto Xingu, antropólogos americanos e brasileiros puderam encontrar resquícios do que foi uma civilização avançada e organizada, sendo a região palco de assentamentos complexos a qual incluíam estradas, pontes e fossos, além de paliçadas defensivas dignas da era medieval.

Fonte: Science | American Association for the Advancement Science
<https://www.science.org/doi/10.1126/science.1086112>

Todos os locais geográficos, monumentos, eventos históricos, dados científicos, obras, síndromes e rituais citados neste livro são reais.

PRÓLOGO

Sábado, 27 de Março de 2032 | 21h30

Velada pelo estonteante luar, uma afetuosa voz narra com legítima ternura um faz-de-conta. Para cada personagem, uma voz. Para cada ruído, uma onomatopeia pilhérica. A luminosidade dourada projetava, através do abajur rodopiante, sombras de animais selvagens.

À beira da cama, a dona das incontáveis imitações folheava um rústico livro artesanal para deleite da neta, que engomada por edredons, ouvia maravilhada cada palavra, se escondendo debaixo do cobertor quando algo aterrorizava. Aos sete anos, este era o mais seguro dos refúgios contra monstruosidades.

Uma única história deveria ser contada por noite, mas graças a técnica do olhar marejado, a avó abriu uma exceção. Ao final do segundo conto, o livro repousou na mesa de canto sob os versos: *Vá embora, Tutu-Moringa / A toda pressa / Pela restinga / Corra, corra, vá ligeiro / Tutu-Moringa / A toda pressa / Seus filhinhos vão agora / Embarcados num veleiro*. Após um beijo carinhoso na testa, a senhora se despediu num boa noite sereno, junto ao apagar das luzes. Minutos depois, a menina traquina surge do amontoado de cobertores, reacende o abajur e escancara o livro na cama. Sua intenção não era espiar a história seguinte, – *mesmo porque, adorava as interpretações da avó* –, e sim, rever as extraordinárias figuras que cintilavam diante de si numa imersão estonteante.

Quando beirou a última página lida na noite, hesitou. Ao passo que extrapolar a regra lhe revelaria antecipadamente uma inimaginável criatura, a ação tiraria a experiência inédita e teatral da avó. Desejava muito a próxima história, mas não queria esperar até a noite seguinte. Fez silêncio com o dedo indicador e somado a um risinho maroto, virou a página, vidrando o olhar seguido de um grito.

Trinta e três anos depois

PREEMINÊNCIA

Não há prioridade quando tudo é para ontem

1

Ao sinal rubro do semáforo, uma mulher atravessou o aglomerado de pessoas, desviando habilmente com seu *skate*, ao som de *Marisa Monte – Não é Proibido*.

Mascava chiclete de forma desleixada, tendo seu trajeto riscado no ar pelo echarpe esvoaçante. Sua mochila, surrada pelo tempo, contava histórias por meio de adesivos e penduricalhos.

Evitando vendedores, pessoas e animais, atingindo seu destino no horário previsto. Encerrou o temporizador de seu *smartwatch* e jogou a franja para o alto da cabeça, valendo-se dos óculos escuros como tiara.

Bateu o *tail* do *skate* com o pé, engatou-o num mosquete da mochila e adentrou no Ceisa Center, maior edifício comercial de Santa Catarina. Cumprimentou a portaria, transeuntes, e embarcou no elevador. No décimo primeiro andar, percorreu o corredor acenando para colegas, alcançando a última sala: um espaço amplo, de janelas extensas o bastante para conceder uma vista panorâmica de Florianópolis. Composta por um arsenal indispensável para seu ofício, a sala ostentava a seguinte placa:

Rhea Amana Kûara – Restauradora Chefe

Largou a mochila na poltrona e abordou o cavalete central, despontando debaixo do lençol, a obra *A Esquadra Imperial Brasileira na Baía do Desterro*, óleo sobre tela de Joseph Brüggmann, de 1867. Sua encarada analítica destinava-se na área branca inferior

direita, adjunto as pedras, a qual havia sido preparado antecipadamente para restauração. Vestiu o avental, e da sua mochila retirou luvas de dedos vazados que piscavam LEDs amarelos ao serem vestidas. Na cabeça, acomodou um *smartglass*, cuja tela transparente se ativou. Sem desviar os foco da pintura, Rhea deu instruções interpretadas pelo dispositivo.

— Referência anterior. — o quadro original, em estado deplorável, digitalizou na lente, na proporção um-para-um, permitindo comparar o antes e o depois através de realidade aumentada.

— Aproxime setenta e três por cento, no quadrante seis. — o foco ocorreu na área esbranquiçada.

— Referência anterior. — comandou.

Peregrinou ao redor do quadro, analisando a luz em diferentes perspectivas.

— Simular noite. — o aparelho aplicou um filtro digital noturno.

— Simular luz direta. — o dispositivo executou. — Inverter cores. — inclinou a cabeça, pensativa.

Quando suas luvas estagnarem no LED verde, apanhou sua paleta, alguns pigmentos e misturou duas gradações de verde.

— Extrair pigmentação. — direcionou a visão para os arredores de onde pretendia restaurar. Em segundos, o *smartglass* parametrizou as matizes.

— Igualar. — Rhea misturou os pigmentos na paleta enquanto o aparelho analisava, por paridade, os tons tirados como amostra. Ao atingir a tonalidade, Rhea trouxe para si seu estojo de pincéis. Se afastou do cavalete para criar amplitude, e contemplou.

— Simular técnica de reintegração mimética. — o pequeno monitor processou os resultados e os exibiu, permitindo a Rhea reexecutar os comandos de luminosidade para averiguar o resultado. Na tela, um alerta indicava *Diferença Cromática: 42%*.

— Muito alto, não vale a pena. Vai ficar troncho. Simular técnica *Tratteggio*. — a lente efetuou o processamento, e dessa vez, o indicativo de sucesso foi de noventa e seis por cento.

— Justo. Quatro por cento, eu garanto! Armazenar parâmetros e iniciar gravação. Intervalo histórico, oito em oito segundos. — o aparelho decompôs a tela em duas partes: do lado direito, a pintura alternava-se entre a original e a atual, enquanto o lado esquerdo, avaliava em tempo real o cavalete. No canto esquerdo, o sistema solicitou a música.

— Qual foi a de ontem? — o título surgido na tela foi *Che soave zeffiretto*.

— Jesus, hoje não tô nesse clima. É sexta-feira. Alterar música para, *DJ Shab – Mellomaniac*.

Cadenciando a respiração com movimentos firmes e olhar compenetrado, Rhea iniciou pelos arredores, em toques sutis, convergindo até o centro, e a cada pincelada, aquele vazio quarado cunhava vida. Sempre atenta as sugestões do *smartglass*, e alternando entre as simulações de luz e projeções, em algumas horas, a restauração havia finalizado. Inclinou a cabeça feito cão confuso analisando o resultado numa nova perspectiva, ignorando o som de passos se aproximando.

O dono dos sapatos caros e barulhentos assistia tudo da porta e só entrou quando assegurou que Rhea havia finalizado. Deixou na mesa um frasco rechonchudo de tampa dourada, envolvida em fita decorativa similar a um perfume.

— Você tem ideia do quanto as pessoas te odeiam pela forma que restaura as obras? — questionou o homem.

Rhea sorriu, tirou uma última foto com o *smartglass*, e deu o comando para encerrar a gravação. Nesse instante, os LEDs de suas luvas retornaram ao amarelo.

— Cada era tem suas vantagens tecnológicas, e todos fazemos uso dela. Imagino que as pessoas que me odeiam devam talhar pedras, não? — rebateu Rhea.

— São saudosistas, Rhea. — sustentou o indivíduo.

— Ahã, ‘saudosista’, claro. Uma palavra bonita para camuflar a incapacidade de se reciclarem. Por mais que existam tecnologias incríveis que auxiliem no restauro, a fonte dessa técnica, está aqui. — sem se virar, Rhea apontou para a têmpera.

— E sabe qual a diferença entre mim, e essas pessoas estagnadas?

— Rhea virou-se para o homem a sua porta. — Eu sou capaz de fazer o que eles fazem. E eles, são capazes de fazer o que eu faço?

O homem sorriu, exultante.

— Rhea, sendo Rhea.

— Você sabe o que penso dessas pessoas, Heitor?

— Profissionais que precisam de emprego. — disse Heitor, imitando comicamente a voz grave de Rhea.

Rhea dobrou os joelhos, manteve o rosto erguido e puxou a blusa como se fosse uma saia, num gesto de cortesia tradicional de um subalterno.

— Esse seu deboche ainda vai te levar para cadeia.

Rhea riu agradecida.

— O trabalho não acaba nunca. — disse Heitor, notando a pilha de quadros num canto.

— Isso é positivo. — afirmou Rhea.

Uma das etiquetas sinalizava 2060.

— Nossa, tem gente requisitando restauração de obras que mal saíram do cavalete?

— Essa não é a data da pintura, Heitor, e sim a data em que chegou aqui.

Heitor torceu a cara.

— Não posso fazer nada se eles acumulam, Heitor. A cada semana, entra um quadro de prioridade superior.

— A culpa não é minha. — defendeu-se o homem. — A prioridade é do cliente que paga mais.

— Esses aí são beneficentes, Heitor...

Heitor arqueou os ombros, como quem diz “*fazer o quê?*”.

— Pelo visto, o de prioridade zero está pronto. — Heitor beirou a obra a qual Rhea trabalhava. — Excelente, como sempre.

— Bajulador, como sempre. — Rhea soltou as tranças. — O que você quer, Heitor?

— Nossa, Rhea. Sou tão previsível assim?

— Todos somos. A diferença é que uns percebem isso mais do que os outros. — retirou as luvas, guardou-as na bolsa e foi até o computador onde reexibiu a gravação.

— Seu desempenho aumentou, Rhea?

— Apesar de ser possível efetuar esse tipo de medição, minha intenção é ver quanto tempo gastei em cada área do quadro, e analisar meus movimentos. Gosto de manter um padrão na técnica que uso.

— E qual usou nessa obra? — Heitor fazia pose de quem vai ao museu, não sabe o que olhar numa obra e finge interpretar.

— Se não percebeu, é porque obtive sucesso. — disse Rhea, satisfeita.

Heitor se concentrou, molhou os lábios e disse com pomposidade na voz.

— *Rigatino*. — seu italiano era carregado.

— Tanto a criação quanto a intervenção são partes da história de um quadro, e isso deve ser respeitado. A reintegração imitativa vem justamente quando não tenho a intenção de transportar características minhas à obra, sobretudo, quando a área de reparo está destruída.

Heitor foi até o monitor e viu o antes e depois.

— Caramba. Qual a origem desse estrago?

— O quadro caiu no encosto de uma cadeira.

— E o que uma cadeira estava fazendo próximo do quadro?

— Provavelmente, alguém removeu para limpar. — Rhea arquivou os dados da pintura. — O quadro secará no final de semana. Pode pedir pro pessoal do transporte preparar a entrega para segunda-feira.

— Ótimo! Esse vai nos render uma boa imagem!

— Que bom. — Rhea organizou suas ferramentas, cobriu com cuidado a pintura e notou o frasco em cima da mesa. — O fato de me trazer presente já diz que veio demandar algo cuja resposta será não.

— Tá, tá, eu sei. Sou ‘previsível’, mas acredite que dessa vez, o mimo não tem relação com o que irei pedir. — satirizou Heitor.

— Deixe-me decidir isto depois de ouvir. — Rhea rebateu.

— É um assunto delicado. São meio-dia. Quer sair pra almoçar?

— Claro. — Rhea retirou o *smartglass*. — Mas tem que ser à uma. Tenho treino agora.

— Treino, justo hoje?

— Não, Heitor. São todos os dias!

— Nesse caso, que mal faz perder um dia?

— Não sei, Heitor. Você almoça todos os dias?

— Óbvio que sim.

— Que mal faz almoçar após o meio-dia, um dia?

Heitor enfezou a cara.

— Você não muda, Rhea.

Rhea sorriu simpática.

— Tudo bem. Vá para seu treino e eu irei dar andamento na papelada deste quadro. Nos encontramos no Artusi.

— Combinado.

Heitor sacou seu *smartphone* e saiu tagarelando.

Rhea fechou a sala e foi para a academia.

2

Conduzida pela arte das oito armas, desferiu uma sequência de cotoveladas, socos e finalizou com uma joelhada. O oponente esquivou-se, mas não o suficiente para ser pego pelo chute inesperado, desferido com sucesso pelas longas pernas de Rhea.

— Caramba! — disse o oponente, se levantando. — Quando eu acho que desviei, ainda vem mais dez centímetros de perna.

Rhea juntou as mãos frente ao rosto e abaixou a cabeça.

— *Sawadee Krap!* — estendeu a mão para cumprimentar.

— *Sawadee Kha!* — respondeu cordialmente o oponente, apertando as mãos de Rhea.

— Mesmo horário semana que vem? — o instrutor retirou as luvas.

— Vamos manter. Sinto que estou rendendo mais no meu trabalho quando intercalo treinos curtos durante o dia. — Rhea removeu e ensacou as bandagens dos braços e pernas.

— Vai se inscrever no campeonato?

Rhea viu o cartaz na parede, ao lado do estande de troféus de *muay thai* de seu mestre.

— Talvez. É no mês que vem, não é?

— Isso.

— Mais dois treinos e eu lhe digo. — enxugou o suor da testa.

— De acordo.

— Vou indo. Muito obrigada, mestre.

— Passar bem, Rhea!

Seguiu até o vestiário, tomou uma ducha, vestiu-se e partiu para o restaurante. Na entrada, foi guiada pelo atendente até a mesa onde Heitor, taramelando ao telefone, a aguardava.

Rhea assentou, fez pose de boa moça e esperou. Percebendo que Heitor iria demorar, a garota acenou para o garçom e fez seu pedido.

— Quem eu tenho que matar para as pessoas fazerem as coisas do jeito que eu peço? — resmungou Heitor encerrando a ligação, passados quinze minutos. Nesse instante, o pedido de Rhea chegou.

— Ei, você pediu sem me esperar?

— Se tivesse desligado o telefone quando cheguei, também estaria comendo. — Rhea temperou a salada e brindou sozinha no ar.

— Saúde!

— Ei, garçom. — Heitor estendeu o braço.

Prontamente, foi atendido.

— *Gnocchi di Mandioquinha' Fonduta i Filetto di Manzo*.

— Não consegue, né? — Rhea interveio.

— Não consigo, o que?

— Pedir essas coisas em português.

— Se concentre na sua salada, Rhea.

— *Panzanella*. — riu com a boca cheia.

— Tá, tá, já entendi seu ponto, Rhea. São poucos os locais que posso exercitar meu italiano. — dirigiu a atenção ao garçom.

— Traz também um *Pinot Noir*...

Rhea segurou o riso e Heitor interrompeu a fala.

— Me traga uma taça de vinho da casa.

A face surpresa de Rhea foi verdadeira.

— Satisfeita, Rhea?

— *Sta progredendo, amore mio*. — respondeu quase cuspidando a comida de rir.

— Pior é você, que vem num restaurante como esse para comer capim.

— Deixo comidas pesadas para momentos oportunos.

— E esse não é um? Vamos lá, Rhea, pode pedir o que quiser. Por minha conta.

— Estou bem com meu capim, Heitor.

— ‘Vocês’ não tem o tal dia do lixo? Use-o.

— Sim, ‘nós’ temos o ‘dia do lixo’. Mas o meu não é um dia, e sim, um momento.

— Qual?

— Quanto estou estressada.

— Entendi. E essa semana foi relaxante?

— Sim.

— Então tem crédito extra para um nhoque de batata e queijo.

— A semana foi relaxante, Heitor, mas não quer dizer que não tenha sido estressante.

— Alguma coisa de ruim?

— Bateram no meu carro semana passada, num sábado de manhã, ferrando com minha trilha planejada há meses.

— É algo a se considerar. — Heitor arqueou os ombros.

— E então, sobre o que queria falar?

Nesse instante, o vinho e o prato de Heitor chegaram, vaporizando o grana padano.

— Isto sim é comida. Obrigado. — equipou os talheres e serviu-se em bocadas generosas.

— Fala italiano, mas come feito um babuíno. — disparou Rhea.

Heitor engasgou e tossiu, aliviando-se com um gole de vinho.

— E a julgar por sua cara torta, esse vinho não possui notas de funcho, na alvorada frutífera do retrogosto de baunilha, envelhecido em carvalho negro, né Heitor?

Após o segundo gole, e reestabelecido a respiração, Heitor limpou a boca no guardanapo antes de proferir:

— Cala a sua boca, Rhea. Vamos ao que interessa.

Rhea sinalizou para seguir adiante.

— A empresa vai muito bem. Estamos com clientes regionais fixos, e nossa expansão para os estados vizinhos é um sucesso. No entanto, prevejo estagnação se continuarmos atendendo apenas o Brasil. Mas veja bem: não estou menosprezando nossa arte, pelo contrário. É muito rica e é um dos fundamentos da empresa. Mas convenhamos..., nosso país, além de não ter incentivo do governo, não tem tradição mundial em obras de artes.

— Di Cavalcanti? — o semblante de Rhea era neutro.

— Não passou da América Latina. — rebateu Heitor.

— Tarsila do Amaral?

— Abaporu atingiu o êxito internacional, mas depois das férias na União Soviética, a moça voltou falida para o Brasil, foi presa e suas obras posteriores se restringiram a bienais em São Paulo, e uma ou outra, em Veneza.

— Ela é detentora do quadro brasileiro mais valioso no mundo. Passa de um milhão de reais.

— Eu sei, Rhea. Mas entenda: a obra é conhecida internacionalmente, mas não reconhecida mundialmente.

— Não são a mesma coisa?

— Internacional, pode-se considerar um país ou outro. Mundial, é todo o planeta.

— Portinari? — sugeriu Rhea.

— Foi o que mais se destacou em outros continentes, mas não o suficiente. Os gringos mal conhecem o Brasil, quiçá sua cultura.

— Pois para mim, são artistas muito expressivos.

— Eu sei que são, Rhea, e não é esse o meu ponto. Entenda: eu quero o Louvre!

O terceiro gole amarrou a boca, obrigando Heitor chamar o garçom.

— Um *Lupo Meraviglia, Tre di Tre*, por favor.

Rhea aproveitou a parada para requisitar um suco antes de Heitor continuar a palestra.

— Nos últimos anos, tenho ido a dezenas de congressos no exterior à procura de investidores, ou buscando uma conta de museu famoso, para enfim, chegarmos até uma obra de empatia global. Mas apesar de ter você, e uma equipe formidavelmente treinada, não é suficiente, pois ninguém lá fora da atenção para restaurações em quadros de pouca relevância.

— Eles estão errados. — disse Rhea.

— Concordo, mas não irei entrar nesses méritos, Rhea. São negócios, e é assim que as coisas funcionam.

Rhea desdenhou com os ombros.

— Temos três salas de quarenta metros quadrados para a empresa. Uma do escritório, outra para a equipe, e uma única só para você. Isso é o quanto invisto e acredito em nosso potencial. Mas enquanto não tivermos destaque, nossa habilidade será ofuscada. E esses holofotes estão em obras relevantes.

— E qual o seu plano? Jogar a Monalisa no encosto de uma cadeira?

— Não seja tola, Rhea. Durante minhas viagens, fiz contatos, expus nossas obras, tornei público as qualificações de nossa equipe, e nada. Contudo, um homem me abordou, dizendo acompanhar nosso trabalho. Brasileiro como nós, vaga pelo mundo em busca de restauradores de habilidades singulares.

— E esse cara é o famoso quem?

— Um ricaço excêntrico chamado Herodes Gaillard do Nascimento, detentor de obras inimagináveis. — através do *smartphone*, Heitor exibiu várias fotos de quadros famosos.

— Não reconheço o museu. Qual é? — questionou Rhea.

— Não é um museu, Rhea. É a galeria pessoal da casa do Herodes.

Um pedaço da alface caiu da boca estática de Rhea.

— Entendeu agora, não é? — Heitor sorriu faceiro. — Pois bem. Ele é um colecionador fervoroso, dono de uma das maiores coleções de obras de arte do mundo. E só não é célebre, pois esconde-se através de vários pseudônimos.

— E o que ele procura?

— Algumas obras estão expostas em museus pelo mundo, outras, as mantém em casa. O fato é que elas envelhecem, e Herodes é metódico o suficiente para não deixar qualquer um pôr a mão, muito menos tirá-los de sua residência. Por isso, viaja o mundo em busca de restauradores particulares.

— E ele quer nos contratar para restaurar seus quadros.

— Exato!

— Não vejo problema algum.

O garçom retornou com o vinho, sacou e entregou a rolha para conferência. Serviu um pouco e aguardou. Heitor segurou a taça no alto, analisou as lágrimas contraluz, girou o líquido, sentiu o aroma e sorveu.

— Negroamaro primitivo, meu preferido. — fez sinal com a cabeça para que fosse servido integralmente. Rhea negou a oferta apontando para o seu suco.

— Essa nossa reunião poderia ter sido um e-mail, Heitor.

— É aí que você se engana, Rhea. O ricaço quer que os reparos sejam feitos em sua residência. Por você.

Rhea engoliu a salada com enosco.

— Que? Como? Pra que isto?

— Conforme mencionei, ele proíbe que determinadas obras saiam de sua residência.

— E por que eu?

— Ora, Rhea. Eu só conheço uma pessoa que, além de formada Artes Visuais e pós-graduada em História e Análise da Obra de Arte, teve a audácia de pós graduar em química apenas para extrair o melhor dos componentes de restauração.

— Adulador. — desdenhou a mulher.

— Rhea, o cara é rico, poderoso, tem contatos em muitos museus. Ele é nossa porta de entrada para o reconhecimento mundial.

— Se ele tem tanto dinheiro assim, por que não movimenta uma caravana e traz as obras sob supervisão do exército?

Heitor brincava com a taça.

— Porque ele mora no Amazonas. — disse Heitor, fazendo Rhea cuspir parte de uma cenoura na mesa.

— Amazonas?!

— Precisamente, em Ipixuna. — Heitor deu um gole.

— O que diabos um milionário faz em um local tão ermo assim?

— Ricos tem o aval da excentricidade, Rhea.

Rhea parou de comer, sacou o *smartphone*, teclou algo e apontou para Heitor.

— É pra esse fim de mundo que você quer me enviar? — o *Google Maps* exibia a localização geográfica de Ipixuna.

— Tem bastante natureza. Você gosta de flores e capim.

— Heitor fındou seu vinho e apontou a taça para salada.

— Heitor, sem chances. Eu não vou viajar três mil quilômetros para restaurar um quadro.

— Qual o problema?

— Quer que eu diga em ordem alfabética?
— Não exagere, Rhea.
— Ah, é? E como esse ricaço espera levar minha sala e equipamentos de restauração? Vai mandar um helicóptero?
— Não precisa levar nada. Ele tem tudo.
— Todos os equipamentos?
— Sim.
— Todos!?
— Sim. — Heitor se jogou no encosto da cadeira. — Claro, os seus *gadgets* específicos, talvez não. Mas as ferramentas padrões, sim.
— Ele não pode ter tudo. — Rhea cruzou os braços.
— Rhea, restauradores são chamados por Herodes há anos. Cada profissional teve sua demanda atendida integralmente. Ao longo do tempo, transformou parte de sua residência em um ateliê. Se ele diz que tem tudo, é porque tem. E o que faltar, Herodes disse que basta enviar na lista, e será providenciado.
— E internet?
— Satélite.
Rhea fechou a cara.
— Vai ser legal, Rhea. É um estado novo.
— Não.
— Mas é uma oportunidade única.
— Não.
— É tudo pago.
— Não!
— Você será a gerente da nova unidade em Londres, que pretendo abrir após o sucesso desse projeto.
— Não... — esse último ‘não’ foi doído.
Um silêncio mórbido pairou sobre a mesa, sentenciando o assunto, sendo finalizado com a mão de Rhea pedindo o encerramento da conta.
— É um tríptico. — a voz de Heitor soou fatal como uma lâmina afiada.
Rhea congelou.

— Como?

— O quadro a ser restaurado é um tríptico.

— Qual? — Rhea cancelou o pedido da conta.

— *Il Giardino delle Delizie Terrene*.

Rhea bateu as mãos na mesa.

— Você está mentindo.

— Rhea, eu não te mandaria para o Amazonas só pra fazer uma piada.

— Esse quadro está no Museu do Prado. Eu já o vi. Tenho fotos com ele.

— Sim, existe um lá no Prado. Mas o original nunca saiu da casa de seu dono.

Perplexa, Rhea fitou o nada.

— Não precisa me responder agora, Rhea. Tire o final de semana para relaxar e pensar na proposta com calma. — Heitor levantou, fez sinal para o garçom mandar a conta para a empresa, e tocou o ombro de Rhea, sussurrando em seu ouvido:

— Imagina que outras obras o ricaço deve ter por lá, heim!

— Rhea deu um empurrão, e aos risos, Heitor sacou seu *smartphone* e saiu papagueando.

Sozinha e estarrecida com a proposta, Rhea fez o esperado: substituiu seu suco pelo vinho, empurrou a salada pro lado, arrastou o nhoque de mandioquinha para si, e devorou-o.

3

Ainda abalada pela proposta indecente, Rhea regressou para sua segunda jornada de trabalho, desta vez indo para uma outra sala, onde vários restauradores concentravam-se em seus afazeres. Com um semblante tranquilo, avaliou as metodologias e desacertos, orientando e elogiando cada um, evidenciando apreço pela equipe que ela mesma treinou. Seus cursos de inverno eram

disputadíssimos, pois ao final, três alunos destaques eram contratados.

Sua afinidade com a equipe criava uma atmosfera confortável que proporcionava primíssimos resultados. Cada funcionário aguardava apreensivo sua vez de auferir aval de Rhea, que mobilizava a sala ao assinalar uma falha, partilhando ensinamentos profundos, aprendidos ao longo de sua carreira doutrinada por: *quanto mais pessoas souberem o que eu sei, mais fácil será meu trabalho.*

Ao fim do expediente, pegou um ônibus e partiu para Santo Antônio de Lisboa, uma herança açoriana da cidade; seu ritual de sextas-feiras. Lá, aproveitou o dia longo de verão para caminhar rente ao mar e relaxar na areia, petiscando algo acompanhado de cerveja e o rubro pôr do sol.

Com o cair da noite, peregrinou pela pracinha admirando o movimento e o artesanato decorrente da Feira das Alfaias, e por fim, seguiu até a Igreja da Nossa Senhora das Necessidades, cujos quadros que a adornavam haviam sido restaurados por ela. Cada uma das doze obras representavam a vida de Jesus Cristo.

— Faz tempo que não a vejo, minha filha. — disse o padre, estendendo a mão para o confessorário. Quando ambos se arranjaram, Rhea iniciou a conversa.

— Trabalho me consome, padre.

— O trabalho edifica o homem, minha jovem. Apenas devemos nos atentar ao excesso. Esse é o caminho para todos os aspectos da vida.

— Até que me saio bem nessa corda bamba.

— Então por que parece arrastar uma montanha nos ombros, jovem? Achei que tivéssemos superado tudo.

— É que toda vez que me deparo com decisões importantes, fico preocupada, pois em geral, quero as duas opções. É tão difícil escolher.

— A vida é escolher, Rhea. Uma simples refeição é uma escolha. Estamos a todo instante sendo submetidos a isso. A inevitabilidade do mundo é aplicada sobre todas as suas decisões,

logo, não existem uma mais ou menos importante, e sim, as que se afeiçoam a sua vontade naquele instante; e as que lhe outorgam o excesso. Esse é o equilíbrio a ser buscado.

— Mas e quando a vontade quer as duas?

— É uma ilusão achar que queremos duas coisas, Rhea. Você já escolheu.

— Se já me decidi, por que sinto meu coração preso?

— Porque seu tormento é pela opção renegada.

— Cada escolha, uma perda. — comentou Rhea.

— Sua vontade é o motor que te direciona para o que verdadeiramente deseja. Almejar duas vertentes opostas é mergulhar no excesso; tentar abraçar o mundo, e fatalmente, fracassar na frustração, se aprisionando num ciclo de falsa felicidade.

— Tenho medo de escolher errado.

— Não há escolhas ruins quando sua vontade está no controle. Ela sempre te guiará pelo caminho do sucesso, mesmo a princípio, te assombrando diante do infortúnio.

— Espero que tenha razão, padre.

— Deus tem razão, e Ele está contigo, minha jovem. Deus está contigo. — o padre rezou, executou o sinal da cruz e a abençoou.

Apesar das palavras do padre terem o desígnio de causar aconchego, Rhea prosseguiu castigada por uma dúvida que a transportou para fora da igreja. Felizmente, foi na correnteza de amigos transeuntes que seus ombros puderam relaxar, numa noitada no Gambarzeira, boteco tradicional do bairro, famoso por suas placas de cartazes bem-humorados.

Tarde da noite, e de volta seu apartamento, largou as coisas no sofá e tomou um banho. Em seguida, se espreguiçou na sacada para observar as luzes enquanto abria a tampa dourada do mimo que havia recebido de Heitor. O que parecia ser um perfume, na verdade, estava rotulado como “Cachaça de Butiá” em letras rococó.

Bebeu rindo até sentir o baque que lhe carregou para a cama e lhe deu um sono tranquilo.

4

Na manhã seguinte, partiu para a Universidade Federal de Santa Catarina, onde ministrava aos sábados o curso de pós-graduação em História da Arte. Adorada pelos alunos em virtude de sua desenvoltura e amor ao que fazia, cunhava laços duradouros, perdendo as contas de quantos ex-alunos brotavam durante os intervalos para confabularem.

Carismática, almoçava em conjunto, aproveitando cada momento como se fosse único, trocando aprendizados e enraizando amizades expressivas. Após as obrigações, e munida do seu biquini, aproveitou o sol à beira do mar. No caminho de volta, visitou sua colega de faculdade e parceira de trabalho, para um chá de atualização de novidades – *termo cunhado pela mesma* –, e por fim, comprou miudezas no mercado.

Chegando em casa, seu *smartphone* se conectou a rede interna, ligando não só as luzes e televisão, como também o sistema de som, que respondeu ao comando de voz com a música *Low Roar – Slow Down*. Deixou as compras na cozinha e foi para o quarto se banhar. Após vestir algo confortável, cursou o apartamento estúdio recolhendo a bagunça desamparada por uma manhã agitada. Na cozinha, vestiu seu avental cuja estampa era de um homem sarado descamisado, e encetou o preparo do seu prato preferido, *Spaghetti alla Carbonara*. Riu ao mentalizar a pronúncia rebuscada vinda de Heitor. Enquanto o vinho resfriava, comandou uma exibição de fotos na televisão, filtrando por Museu do Prado. Durante as dezenas de fotos, Rhea congelou a que estava diante de Os Jardins das Delícias Terrenas, de Hieronymus Bosch. A qualidade da pintura, agora, fazia sentido: vinha sendo restaurada sem escrúpulos, visto não se tratar da original.

O aroma de bacon e ovos fundidos num molho cremoso preencheu a cozinha, indicando o fim do preparo. Montou seu prato numa mesinha docemente enfeitada na sacada, serviu-se de uma taça de vinho e apreciou a vista iluminada da cidade.

Seu *smartphone* vibrou com uma mensagem de Heitor, que imediatamente foi transmitido para a televisão. Lá, Rhea leu a mensagem:

Pensa com carinho :)

Uma sequência de nove fotos corroborava a proposta de trabalho, revelando a verdadeira obra de Bosch, que impetuosamente sobrevivera – *mesmo que degradado* – a mais de quinhentos anos. Cada fotografia aguçava não só seu apreço por trípticos, como também, a possibilidade de restaurar seu quadro preferido, ao preço módico de meses de isolamento na Amazônia.

Uma segunda mensagem evidenciava fotos do ateliê de Herodes, anexo a um formulário contendo as ferramentas disponíveis. Mesmo atentando com afínco, Heitor estava certo: o ricaço não só tinha experiência no ramo, como também possuía utensílios que ela mesma ansiava adquirir. No final do documento havia uma área livre para solicitações adicionais.

— Eu. — riu sozinha com a piada.

Admirou seu apartamento com carinho; era sóbrio, discreto, monocromático mas elegante; de janelas extensas e vista para um trapiche. Na sala, ostentada acima do sofá, havia uma fotografia panorâmica, dividida em três quadros separados, da Pedra do Telegrafo, no Rio de Janeiro, o qual lhe remeteu a bons momentos não só daquele dia, mas de todo o seu meio de vida, rotina, amigos e estabilidade adquirida ao longo de anos. Ao embarcar num sonho de estudante rumo as entranhas da Amazônia, abriria mão temporariamente dessa redoma confortável.

Concluiu a panorâmica em sua geladeira, a qual revelava, através da infestação de imãs de comida *delivery*, suas noites.

— *‘É uma ilusão achar que queremos as duas coisas, Rhea. Você já escolheu.’* — brandiu a voz do padre em seu pensamento.

Deu um gole no vinho, sentou para comer, abocanhou uma porção do macarrão e mastigou com um semblante satisfatório no rosto.

— Você nunca cozinha, Rhea.

■ ■ ■